

Tudo se ilumina  
para aquêle que  
busca a luz.

BEN-ROSH

ה ל פ י ד

... alumia-vos  
e aponta-vos o  
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)  
O F A C H O

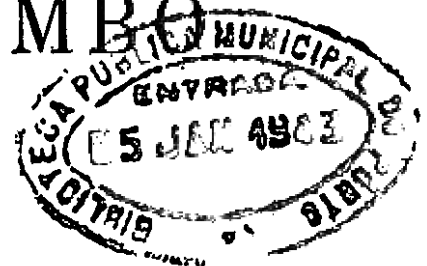
DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm  
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÔRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A  
Rua da Fábrica, 80  
PÔRTO

# CRISTÓVÃO COLOMBO

## Era êle um judeu?

POR PAUL GOODMAN



Há 450 anos a 12 de Outubro de 1492, o maior de todos os navegadores, conhecido em Portugal por Cristóvão Colombo (e em Espanha como Cristobal Colon) avistou no hemisfério Ocidental da cobertura do seu navio-almirante uma pequena ilha, chamada por êle S. Salvador, a qual provou ser o descobrimento das Américas. As lutas dêste marinheiro aventureiro são conhecidas por a realização dos seus grandes sonhos, mas a sua linhagem ocultou-se na obscuridade. Êle nasceu em Génova, mas a sua família não era certamente de origem italiano.

Rabi Dr. M. Kayserling no seu livro *Christopher Columbus and the participation of the Jews in the Spanish and Portuguese discoveries*, apresenta um interessante caso de investigação de que Cristóvão Colombo era de origem judaica. Mas enquanto isto até agora tinha encontrado pouco apoio, recentemente tem sido continuado com saber e penetração crítica por um eminentíssimo literato e estadista espanhol, Senhor D. Salvador de Madariaga. Com uma grande abundância de detalhes históricos, êle tinha provado no seu livro intitulado *Christopher Columbus*, que Colombo ou Colon era um converso, isto é, um Marano e que muito do que era extraordinário na sua profissão pode sòmente ser explicado por esta asserção.

Está assinalado que embora Colombo pudesse ter nascido em Génova, êle guardou

muito silêncio àcerca disso e nunca falou italiano, nem nunca o escreveu quando dirigindo-se aos seus compatriotas, e que, de facto, êle falou espanhol com a acentuação portuguesa.

*Cristóvão Colombo foi um genovês de origem judaica-espanhola* é o juízo considerado do Senhor D. Salvador de Madariaga, (o qual incidentemente, cita o Professor Dr. Moisés Bensabat Amzalak entre as suas autoridades citadas). Em verdade, Colombo foi vivo mostrou-se por as suas devoções que foi um bom cristão mas como êle mesmo admitiu foi amigo, da companhia de Mouros Judeus.

Êle baseou a origem da sua grande empresa não sòbre razões, nem matemáticas, nem mapas mas sòbre as palavras do profeta Isãias e de Esdras, de Apocrifos Judeus. Completamente êle inconscientemente traíu o estímulo judeu que o impeliu, como o autor justificou por instâncias muito numerosas para publicar aqui. O nosso autor fêz um estudo fascinador do memorial referido a Colombo, especialmente por o historiador português João de Barros, e chegou à seguinte conclusão: — «Adiante com o fogo da sua imaginação, outro fogo, duma horrenda natureza, foi então também torturando a sua alma com o pior tormento sem repouso. No tempo em que êle apresentou as suas extraordinárias propostas perante o Rei

# O Deus do Pentateuco é o Deus Universal

Para o demonstrar, vamos examinar sucessivamente a concepção do Deus criador, a do Deus dos patriarcas e a do Deus de Moisés.

1.º — O Deus Criador. — Eu não creio que ninguém contesta antiguidade da narrativa da Criação, pela qual começa o livro do Génesis. Ora que nos mostra esta narrativa?

Mostra-nos um Deus que, pela sua vontade tóda poderosa, sém matéria prima, sem a ajuda de ninguém, *criou o Universo*.

É impossível conceber um Deus mais universal.

O dilúvio em seguida destrói tóda a humanidade, salvo Noé e a sua família.

Depois do insucesso da Torre de Babel, a descendência de Noé povoa a terra e as setenta nações, enumeradas como saídas desta descendência, são consideradas pela narrativa mosaica como constituindo inteiramente a nova humanidade (Génesis, cap. X, e XI; XI, 9).

2.º — O Deus dos Patriarcas. — A narrativa bíblica é continuada pela história dos patriarcas.

Deus revela-se a Abraão; mas o pacto que Êle concluiu com êle não interessará a êle e ao povo hebreu;

— «Eu próprio que aqui estou e que trato contigo; tu serás o pai duma *multidão de Nações*». O teu nome não se pronunciará mais doravante Abram; o teu nome será Abraão, porque eu te farei pai de uma *multidão de Nações*. (Génesis, XVI, 4-5).

Depois da terrível prova de Abraão, esta promessa é repetida mais claramente ainda: — «*E tôdas as nações da terra* serão felizes pela tua posteridade, em recompensa de que tu obedeceste à minha voz». (XXII, 18).

De facto, cristãos e muçulmanos se reclamam de Abraão, e não sòmente os israelitas.

Esta promessa de ordem universalista é em seguida renovada a Isaac, e depois a Jacob (Génesis, XXVI, 4; XXVIII, 14);

De resto, viu-se, desde capítulo XIV, 18-23, Melchisedeg, e depois Abraão, prestarem juramento *perante Adonai, Deus supremo, autor dos Céus e da Terra*.

3.º — O Deus de Moisés. — Deus revelou-se a Moisés no monte Horeb, como o Ser por Excelência: — «Eu sou aquêle que por si existe».

Moisés diz a Deus: — «Eis que eu vou procurar os filhos de Israel e dizer-lhes: O Deus de vossos pais me enviou para vós; se êles me dizem; qual é o seu nome? Que lhes direi eu? Deus respondeu a Moi-

D. João II de Portugal, os seus amigos e parentes, os judeus convertidos de Espanha estavam sendo arrebatados aos seus lares, cobertos com vergonha e opróbio, e queimados em postes. Êle triunfou por causa dêles para levantar ao mais alto que a terrível profundidade da queda dos seus irmãos».

E êste sentido do triunfo judaico trouxe por conseguinte nas suas próprias palavras para o fim da sua espantosa carreira:

«Eu não sou o primeiro almirante da minha família — deixem-lhes dar-me o nome que êles querem, para, depois de tudo, David, um muito sábio Rei, guardava ovelhas e mais tarde era feito um Rei de Jerusalém, e eu sou o servo daquele mesmo Senhor que elevou David para aquêle estado».

Esta análise é de extraordinário interêsse para os cidadãos judaicos de Portugal. Colombo casou com uma mulher portuguesa,

Filipa Moniz Perestrelo; de facto para citação o historiador espanhol Gonzalo Fernandez de Oviedo, Colombo tornou-se pelo seu matrimónio *um vassalo natural* de Portugal o *criador* das grandes descobertas geográficas (como o Senhor de Madariaga se refere para esta terra).

Colombo partiu para a sua sempre memorável jornada num dia seguinte ao nove de Ab (dia da dupla destruição de Jerusalém) no ano de 1492, quando a grande expulsão de judeus de Espanha foi ordenada.

Esta jornada era uma prova funesta para os judeus *êste mais activo povo industrial e criador*, como o Senhor de Madariaga os chama, para nestes últimos dias cêrca de seis milhões de judeus estarem num lar no novo mundo descoberto por Colombo, o Marano.

Trad. de MIRYAM BARROS BASTO.

sés: «Eu sou aquêle que por si existe». E acrescentou: Assim falarás aos filhos de Israel: Adonai, Deus de vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, me enviou para vós. Tal é o meu nome para sempre, tal é o meu atributo de geração em geração (Êxodo, III, 13-15).

Identidade completa, como se vê, entre o Ser por Excelência e o nome quadrilateral, que nós por êsse motivo designamos por Adonai.

A universalidade do Deus de Abraão implicitamente afirmada nas narrativas do Génesis, é pois explicitamente proclamada pelo Êxodo.

Nada de mais universal que o *Ser por Excelência*.

Aqui se impõe uma nota de ordem geral que esclarecerá como a viva luz a questão, tão vulgarmente obscurecida, do *Deus nacional de Israel*.

É certo que na Torah, Israel tem o lugar preponderante.

O Génesis é cheio com a história dos patriarcas, que é a história das origens de Israel.

O Êxodo é principalmente a narração do livramento de Israel e da sua organização religiosa.

O Levítico é em grande parte consagrado às prescrições do culto público de Israel, os Números às provas de Israel no deserto.

O Deuteronomio não é senão uma lembrança dos principais acontecimentos vividos por Israel, das leis que Israel recebeu e uma forte exortação de ter que seguir estas leis. Assim um leitor superficial poderia, à primeira vista, julgar que o Pentateuco só se ocupa dum pequeno povo e do Deus dêste pequeno povo. Mas se se lê atentamente, que se vê? Vê-se que êste pequeno povo é *o povo eleito do Deus universal*, povo graças ao qual tôdas as nações da terra devem encontrar a felicidade.

Então tôda a Torah se ilumina com uma imortal claridade:

A Torah foi ditada a Moisés para a humanidade inteira, porque o povo de Israel é o instrutor da humanidade, escolhido pela Providência. E é isto o que exprime esta passagem célebre do Êxodo, que eu entrego à meditação de todos os partidários do famoso *particularismo* ou do *feroz isolamento* de Israel:

— «E Moisés subiu para Deus; e Adonai chamando-o do alto da montanha, lhe disse: — Dirige êste discurso à casa de Jacob, esta declaração aos filhos de Israel; Vós vistes o que eu fiz aos egípcios; a vós, eu vos levei sôbre a asa das águias e eu vos aproximei de mim. Doravante, se vós sois dóceis à minha voz, se vós guardais a minha aliança, vós sereis o meu tesouro entre todos os povos. Porque tôda a terra me pertence; mas vós, vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação consagrada. Tal é a linguagem que tu terás para com os filhos de Israel. (Êxodo XIX, 3-6).

Mas se as coisas são assim se a Torah deve servir para todos os homens e não só para o povo de Israel, esta tendência deve manifestar-se por vezes directamente. É com efeito o que tem lugar como o vão demonstrar alguns exemplos. Primeiramente a aliança de Deus com Noé no Génesis, IX, 1-17; ela aplica-se a tôda a humanidade: — «Está ali (o arco-íris que parece ligar a terra ao Céu) o sinal da Aliança que eu estabeleci entre mim e tôdas *as criaturas da terra*».

Depois do Decálogo, a mais importante das revelações que relata a Torah, faz-se notar pelo seu carácter de universalidade. Também é êle a base das legislações de todos os povos civilizados, desde a difusão do Cristianismo. E contudo êste Decálogo não começa por uma declaração na aparência particularista: — «Eu sou Adonai teu Deus que te fez sair do Egito, duma mansão de escravidão egípcia senão para receber o depósito sagrado duma Lei de alcanço universal?

Quando, nos números XVI, 23, Moisés e Arão intercedem em favor dos rebeldes do partido de Coré, é ao *Deus dos espíritos de tôda a carne* que vai a sua súplica, e não, ao Deus dos pais, ao Deus de Israel; é que êles falam em nome da justiça e a justiça é de ordem universal: «Oh Deus, Deus dos espíritos de tôda a carne! Pois que, um só homem terá pecado e tu te irritarias contra a comunidade inteira?».

Mais adiante, no capítulo XXVII, versículo 16, Moisés emprega a mesma qualificação para pedir a Deus que designasse o seu sucessor; «que Adonai *de tôda a carne*, instrua um chefe sôbre esta comunidade que caminhe sem cessar a sua testa e que dirija todos os seus movimentos; afim de que a

## O 25.º Aniversário da Declaração Balfour

No dia 1 de Novembro, no Palace Theatre, de Londres, promovida pela Federação Sionista da Grã-Bretanha e Irlanda, realizou-se uma sessão magna comemorativa desse acontecimento.

Presidiu à sessão o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Lord Melchett e foram oradores os seguintes senhores e senhoras:

Sua Reverendíssima o Rabi-mor Dr. J. H. Hertz, Artur Greenwood, Madade Israel M. Sieff, Madame Edgar Dugdale, Brigadeiro Sir Windnam Deedes, Berl Locker, Prof. S. Brodetsky, Barnett Jauner.

A reunião decorreu no meio de grande entusiasmo da assistência, sendo muito aplaudidos os oradores:

Sobre esta sessão magna *O Primeiro de Janeiro*, importante diário do Porto, publicou as seguintes notícias:

### **Os judeus querem ter uma pátria**

**LONDRES, 2** — O deputado trabalhista e antigo ministro Artur Greenwood disse hoje numa reunião da Federação Sionista que em conformidade com os princípios da carta do Atlântico entre os principais fins da paz se devia contar a justiça ao povo judaico. A reunião efectuava-se para comemorar o 25.º aniversário da declaração Balfour. Artur Greenwood disse:

«Depois do armistício, as vossas esperanças e as tradições do povo judaico devem ter um lugar proeminente na vida do mundo. Aquêles de nós que se opõem e opuseram a certos compromissos, olham, com satisfação, para trás, e encontram a nossa política na Palestina.»

comunidade de Adonai não seja como um rebanho sem pastor».

A oposição deste atributo universalista ao nome quadrilateral mostra super-abundantemente que este último nunca podia aplicar-se a Deus nacional.

COMMANDANT A. LIPNNAN.

O rabino chefe Dr. J. H. Hertz mostrou a sua confiança na declaração do Primeiro Ministro, Churchill, de que os sofrimentos do povo judaico não seriam esquecidos, e disse esperar que tal declaração «não fôsse apenas uma promessa».

O antigo secretário do Governo da Palestina, sir Wyndham Deeds classificou a declaração Balfour como «um grande acto de restituição do país, feito pelos cristãos aos judeus». O Primeiro Ministro sul-africano, Marechal Smuts, numa mensagem, declarou a sua confiança, e disse esperar que a declaração Balfour «continuasse efectiva». A promessa dum pátria devia ser levada a efeito, depois da guerra, e viria realizar, plenamente, as promessas feitas nessa declaração. — E. T.

### **O povo judaico transformou a Palestina num dos melhores centros de estratégia militar e modêlo de boa administração**

**WASHINGTON, 2** — A-propósito do 25.º aniversário da declaração de Balfour o jornal *Washington Post*, de hoje, diz que a Palestina constitui, presentemente, um dos mais fortes bastiões dos aliados no Próximo Oriente.

O jornal acrescenta: «A população judaica da Palestina concorre, 100 % ao esforço de guerra dos aliados e trabalhou, tão admiravelmente, que conseguiu a transformação de uma terra empobrecida num país florescente. O jornal *Saint Louis Globe*, diz que da terra desolada o povo judaico transformou a Palestina num dos melhores centros de estratégia militar e modêlo de boa administração. — E. T.

\*  
\* \* \*

Um volume comemorando a declaração Balfour foi publicado sob a direcção do publicista Sr. Paul Goodman, com um prefácio por Lord Cecil of Chelwood e uma introdução pelo Dr. Chaim Weizmann, Presidente da Agência Judaica para a Palestina.

# Conto do Ghêto

## Não poder morrer

Era noite; o silêncio era profundo; de repente o Shamash (diácono), julgou ouvir o martelo de pau com que chamava pela manhã e a noite os fiéis à Sinagoga, oscilar levemente para cima e para baixo.

O martelo não me deixa dormir, disse êle a filha, que também ouvia aquelas pancadas ligeiras e estranhas.

É alguém que está a morrer na nossa rua, disse ela estremecendo; e imediatamente cheia de terror começou a rezar em voz alta:

Shamash Israel (Ouve Israel!) é o rabino que está a morrer.

E então no meio da noite silenciosa, ouvia-se bater a tôdas as portas as três pancadas sabidas do martelo.

A filha do Shamash estremecia até ao fundo da alma cada vez que ouvia o pai bater às portas das casas. E quando a última pancada dada na última porta lhe tinha acabado de reboar aos ouvidos, disse:

Foi agora que o rabino deu o último suspiro.

E não pode deixar de verter lágrimas ardentes. A recitação dos psalmos sustinha a alma do rabino prestes a abalar, e as sombras da morte não se tinham ainda desvanecido à roda dêle.

Pela manhã sentiu-se pior e então os discípulos começaram a lamentar em altas vozes. Foram buscar um grande pedaço de cera e um pavio, mediram a estatura do doente, e fizeram com o modelo um círio gigantesco.

Cobriram o círio com uma mortalha, e levaram-no para o cemitério, onde o enterraram ao lado dos mortos.

Apesar disso, tiveram que servir-se da mesma medida do corpo do rabino, para fazerem as seis tábuas do caixão.

— Deus! Deus poderoso! exclamaram os discípulos, o que havemos de fazer para que o rabino não morra?

Vamos reunir anos para êle, respondeu um dêles, talvez que Deus nos ouça. Um dos discípulos foi-se de casa em casa, com um papel na mão, no qual cada um inscrevia o número de anos, semanas ou dias

que dava da sua própria vida para o rabino moribundo.

A filha do Shamash estava justamente à porta na ocasião em que o discípulo passava com o papel.

E tu, disse êle, dirigindo-se a ela, não darás nada para o rabino?

Dou-lhe a minha vida, a minha vida tôda, disse ela soluçando.

Escrevo o que acabas de dizer?

Escreva! Escreva!

O discípulo, então inscreveu a vida de Annelé.

Logo no mesmo instante o rabino melhorou e no dia seguinte enterrava-se o cadáver de uma jovem no cemitério.

Era o da filha do Shamash.

A jovem tinha hesitado tão pouco em ir fazer companhia aos mortos, quanto o rabino tinha repugnância em fazer desaparecer o seu nome do livro dos vivos.

Nos primeiros dias de convalescença, o rabino andava alegre e bem disposto; recuperou um vigor extraordinário. Depois tornou-se triste e pálido. Ninguém sabia a que atribuir o mal.

Efectivamente ninguém sabia, que pela noite adiante, quando o rabino estava assentado, estudando a *guemarah*, aberta diante dêle, ouvia-se, em baixo, no pátio, um canto subtil; e que cada vez que o rabino abria a janela, apercebia defronte dêle uma jovem bonita, cujo sorriso gelado pela morte, êle via brilhar até acima, por entre o véu das trevas.

Agora, pensava então o rabino, podia ela estar livre e cantar como os pássaros do ar.

E no silêncio da noite, regava com as lágrimas as grossas páginas da *guemarah*.

Uma vez por volta da meia noite, lamentosos gritos de angústia soaram à volta da casa; eram sons estranhos como os que são arrancados pela dor.

Pouco depois, ouviu os vagidos de uma criança recém-nascida.

Oh desgraça! exclamou o rabino, fui eu que a despojei dessa alegria.

E tôdas as noites, desde então, começou a ouvir os mesmos vagidos entremeados das cantigas com que as mães embalam as

crianças; e estes cantos arrancavam-lhe lágrimas do fundo do coração.

Os gritos de dor repetiram-se seis vezes; depois, de cada vez, vinha a criança recém-nascida, e no fim aquelas arrebatadoras cantilenas infantis.

Depois disto, um grande silêncio.

Outra vez ainda, ouviu-se soar um canto alegre e jubiloso e o rabino disse:

Agora, é o primeiro filho que festeja a iniciação religiosa, e fui eu que a despojei dessa alegria.

O silêncio restabeleceu-se novamente.

Alguns anos depois, soaram outra vez os cantos de júbilo e o rabino disse:

Agora, conduz ela a filha ao tálamo nupcial; oh desgraça! desgraça! essa satisfação arrebatei-lha eu.

Cada vez que ouvia a voz, não era já nem lamentando, nem chorando, mas sempre em cantos deliciosos e suaves, e o rabino dizia:

Teria sido uma mãe feliz, e fui eu que destruí a sua felicidade.

Foi assim que o rabino viveu tôda a vida da jovem.

Teria dado muito para ouvir, uma vez só que fôsse, em vez daquelas deliciosas melodias, algumas queixas amargas: por essa forma, ficaria certo que lhe caberia conhecer a desgraça neste mundo; mas o seu desejo não se cumpriu, e o rabino vertendo lágrimas sobre a *guemarah*, dizia:

Pois que! é possível que tivesse de ser feliz a um ponto destes!

Então desejava morrer, consumir-se; aquêlo canto fatigava-lhe a vida.

Todavia, não podia morrer. Estava velho e decrépito; todos os correligionários tinham descido à cova antes d'ele; as próprias crianças, que na infância êle tinha abençoado, viu-as depois encostadas às muletas, velhas, tristes e caducas, zombarem da morte em vão, e morrerem. Mas êle não podia morrer.

Quando chegará êsse momento, mulher? perguntava êle muitas vezes: quanto tempo queres tu viver ainda?

Então, ouviu-se uma vez, pela volta da meia noite, soar no fundo do pátio um lamento semelhante ao de um moribundo.

Agora, morreu, disse o rabino; Deus seja louvado para todo o sempre!

No dia seguinte, ao romper da manhã, os talmidim (discípulos) foram dar com êle, sem vida, com a cabeça deitada sobre a *guemarah* (Talmud).

## Vida comunal

—  
PORTO

As festas de Tishri — Na Sinagoga Ka-doorie Mekor Haïm, à Rua Guerra Junqueiro, n.º 340, realizaram-se as festividades de Rosh Ha-Shanah (Ano-Novo), de Kipur (Grande Perdão) e Sukoth (Cabanas). Várias pessoas vieram da província expressamente para tomarem parte na austera penitência do santo dia de Kipur.

### CALDAS-DA-RAINHA

Nesta vila onde estão concentrados cerca de 400 almas judaicas, refugiadas, organizaram, como já aqui informamos, um Beth Ha-Midrash (oratório) para o culto normal diário.

Para as festividades do Ano-Novo e Kipur improvisaram uma sinagoga no amplo salão de festas do Montepio, devidamente ornamentado, sendo êsses adornos gentilmente cedidos pela família Serrano.

Com o fim de dar assistência moral a êsses irmãos de fé, desterrados do seu lar, a Comunidade Israelita do Pôrto delegou no seu digno 1.º Secretário Sr. Menasseh Bendob, o benéfico encargo de lhes desejar que Deus Bendito em breve tempo ponha fim às suas atribulações.

O Sr. Menasseh fazia-se acompanhar dum Sepher Thorah (Livro da Lei) e vários livros de orações para as três festas.

Nessas festas solenes foi feita uma oração de bênção aos governantes, dita em hebraico pelo respectivo oficiante e em seguida em língua portuguesa pelo delegado do Pôrto, o Sr. Menasseh Bendob.

---

Visado pela Comissão de Censura

# Os judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 112)

## TÍTULO XCVII

**Se o Cristão fez obrigação ao Judeu por dinheiro, possa dizer, passados dois anos, que os não recebeu**

El-Rei D. Afonso o Quarto em seu tempo fez uma Lei, de que o teor tal é:

1 — Aguisada razão é, que aquele que é estabelecido em prol e favor do Povo, nom seja tornado em seu dano. E porque nos D. Afonso o Quarto confirando a prol do nosso Povo, e vendo em como recebiam muito dano por razão demprestimos, que recebiam dos Judeus com usuras, que lhes pagavam, ordenamos nossa Lei, e publicar fâsemos, em que defendemos aos ditos Judeus, que nom fizessem os ditos emprestimos, nem outros contractos usureiros, dando-lhes certas penas na dita Lei conteudas, se contra isso fizessem. E ora é-nos dito por homens dignos de fé, que por razão da dita defesa os ditos Judeus fazem outros contractos com os Cristãos, per que os Cristãos recebem muito maior dano dos seus haveres, que aquilo que recebiam antes da dita defesa.

2 — Porem querendo nos levar adiante o que em prol do dito povo foi ordenado, e arredar as malicias dos Judeus, por nom sêr aqui estabelecido, e em dano do povo tornado, hordenamos, e estabelecemos por Lei, que se os Cristãos fizerem contractos alguns com Judeus, que os ditos Cristãos fiquem obrigados por alguma coisa aos ditos Judeus, que os ditos Cristãos possam dizer em qualquer tempo, que sejam demandados pelos Judeus, posto que passados sejam dois

anos, que nom receberam aquilo, por que os ditos Judeus os demandaram: e nom lhes empeça confissão alguma, se a fizerem, antes que demandados sejam, assi que o encargo da prova seja dos Judeus; e se nom provarem, que os Cristãos receberam tudo aquilo, que pelos ditos Judeus for demandado, sejam *absoltos* da dita demanda, posto que provem esses Judeus parte daquilo, que por eles é demandado. E se porventura pelos ditos Cristãos esta *eixeição* for renunciada; temos por bem que tal renunciação lhes nom empeça.

3 — E porque poderia acontecer, que em engano disto os ditos Judeus pagariam dinheiros, ou outras coisas, de que fizessem os contractos, presente testemunhas, aos que com eles esses contractos fizessem, havendo feita sua fala com esses devedores, que lhes tomassem parte daquilo, que lhes assi dessem: Porem temos por bem, que se isto for provado, que o Judeu perca a dívida verdadeira, e o Cristão outro tanto como o que tornar; e isto seja todo para o prol Comunal daquela Vila, onde o contracto fôr feito. E para isto se melhor guardar, cada um do Povo possa isto acusar, e este acusador haja a terça parte daquilo, que provar e o *al* seja para o prol Comunal da Vila, como dito é.

4 — A qual Lei vista por nós, havemos por boa, e mandamos que se guarde assi como em ela conteudo.

## TÍTULO XCVIII

**Que as pagas, e entregas feitas pelos Cristãos, e Judeus, se possam fazer sem presença do Juiz**

No Livro da nossa Chancelaria foi achada uma Lei d'El-Rei Dom Afonso o Quarto, de que o teor tal é:

1 — Outro si temos por bem, que cada um do Povo possa acusar os Judeus, que

contractos usureiros fizerem, para haverem aquela pena, que é posta na nossa Lei antes disto feita contra os usureiros; e esse acusador haja a terça parte daquilo, que provar, e as duas sejam para a prol Comunal da Vila, onde os contractos forem feitos: salvo se o

## Publicações recebidas

**A Book of Jewish Thoughts** — Seleccionados e dispostos por Sua Eminência o Rabi-mor do Império Britânico, Dr. J. H. Herz. Esta antologia foi organizada há uma vintena de anos para os aviadores, soldados e marinheiros judeus de Sua Magestade Britânica. Nesta nova edição revista, muitos novos nomes aparecem; entre eles, Einstein e Weizmann, o Papa Pio XI e General Smuts, Austen Chamberlain e Presidente Roosevelt, Ronsim Rolland e J. L. Magnes, cada um dos quais se pronuncia sobre as novas esperanças e novas agonias que os últimos anos têm trazido para Israel.

A unidade da selecção na antologia é o pensamento judeu.

Para muitos que leram esta antologia foi uma revelação das maravilhas espirituais do judaísmo e do lugar do judeu no pensamento e na história da humanidade.

Esta edição é dedicada à memória do Tenente-Aviador Ronald Austin Jarvis, desaparecido depois dum encontro com o inimigo sobre o Canal da Mancha a 12 de Setembro de 1941.

Este livro foi já traduzido em árabe, alemão, húngaro, polaco e ydish. Também sairá brevemente em hebraico.

Foram feitas duas edições em caracteres Braile para cegos: uma em Washington (América) e outra em Manchester (Inglaterra).

**History of the Jews**, por Paul Goodman.  
— Uma nova edição dessa magnífica história

da autoria do nosso amigo e vice-presidente da Comunidade Israelita do Porto, com uma nota prefácio de Sua Eminência o Rabi-mor do Império Britânico, Dr. J. H. Herz no qual se dirige aos aviadores, marinheiros e soldados judeus de Sua Magestade, para quem foi feita esta especial edição, enaltecendo-lhe o valor moral e espiritual desta obra.

Para aquêles que arriscam a sua vida contra os que têm levado a muitos lares judaicos a expoliação, a dor e o luto, será um bom conforto espiritual ao lerem nessa história os dias sombrios e trágicos, das perseguições e depois a ruína e castigo dos perseguidores do povo eterno, o povo de Israel.

**Jewish Emancipation** (A selection of documents) por Raphael Mahler.—Colectâneo de documentos emanados dos dirigentes de várias nações, referentes a emancipação dos judeus, acompanhados por vários comentários. O mais antigo destes documentos é holandês e data de 1657 e o mais moderno é a concessão do mandato à Grã-Bretanha sobre a Palestina, pela Sociedade das Nações em 1922. Este documentário de grande interesse histórico foi editado pelo Instituto de Investigação sobre a Paz e os problemas após-guerra, sob os auspícios de The American Jewish Committee, de New-York, e faz parte duma série de opúsculos intitulada *Os judeus e o mundo após-guerra*.

devedor quizer acusar o dito credor, e provar, que o dito contracto foi usureiro; no qual caso temos por bem, que a dívida assi do principal, como da usura seja todo em prol do dito devedor, assi como na nossa Lei feita antes desta é conteudo.

2 — E porque já na nossa Lei é conteudo, que os contractos, que forem entre Cristãos, e Judeus nom sejam valiosos, se perante o Juiz nom forem feitos, assi as pagas, como as entregas, salvo em certos lugares, e seria grave coisa aos Judeus de haverem os Juizes, para serem presentes ás pagas, e

entregas: Porem temos por bem, que fazendo os ditos Judeus os contractos perante o Juiz, como na dita nossa Lei é conteudo, posto que as pagas, e entregas nom sejam feitas perante o Juiz, provando eles por Escritura publica, ou por testemunhas Cristãs, e nom por confissão da parte, como *suso* dito é, que lhes seja *avondoso*, posto que nom sejam feitas essas pagas, e entregas perante o Juiz.

3 — A qual Lei vista por nós, louvamos, e confirmamos, e mandamos que se guarde como como em ela é conteudo,